



Do fundo
do mar,
rastejos
na terra:
os enredamentos
vivos
da “Feiticeira”

Marcela Cavallini

Brasil. Vive, trabalha e pesquisa na cidade do Rio de Janeiro. Participou da I Bienal Black Brasil com o Coletivo Marcas D'Água. Artista convidada do Projeto Territórios Sensíveis, Baía de Guanabara, onde trabalhou em parceria com pescadores e moradores da Colônia Z10 e com a artista Sofia Mussolin na instalação performática Feiticeira. Apresentou também do Festival Perfídia de Performance e Novas Mídias, Festival Internacional de Ecoperformance e Festival Agora - Arte y Activismo - UYU.
marcelademacedo@gmail.com

Sofia Mussolin

Brasil. Artista-pesquisadora formada em Imagem e Som pela UFSCar com período de estudos na Universidade de Coimbra (Portugal) em Design e Multimídia, selecionada no Programa Santander de Bolsas Luso-Brasileiras. Mestre pelo PPGAV/UFRJ e atual doutoranda pelo PPGCA/UFF onde integra o grupo BrisaLab|UFF|FAPERJ. Já participou de festivais de cinema, exposições e residências artísticas nacionais e internacionais.
sofiagmussolin@gmail.com

Do fundo do mar, rastejos na terra: os enredamentos vivos da “Feiticeira”

Resumo

Uma rede formada entre artistas e moradores da Colônia Z-10 - Rio de Janeiro, primeira colônia pesqueira do Brasil, emergiu enquanto convivência no laboratório artístico do projeto Territórios Sensíveis, que propõe a atenção ao cultivo das relações como processo efetivo de ação artística. A obra-processo, nomeada “Feiticeira”, habitou e aprendeu com o meio, investigou onde e como se processa a vida de seus moradores, bem como compartilhou da inscrição de mundo daquele local, uma soma para fazer corpo, movimento e escuta múltipla da experiência de ser morador e pescador naquele território. A construção da rede tornou-se guia para o desenvolvimento de processos artísticos junto àquele território e compôs o objeto de performance e metodologia da pesquisa. Uma rede de pessoas, imagens e sons junto à materialidade da rede de pesca.

Palavras-chave

Rede, colônia de pescadores, território, corpo, pesquisa-criação.

Desde el fondo del mar, se arrastra en tierra: los enredos vivos de la “Feiticeira”

Resumen

Una red formada entre artistas y habitantes de la Colonia Z-10 - Río de Janeiro, la primera colonia de pescadores de Brasil, surgió de la convivencia en el laboratorio artístico del proyecto Territorios Sensibles, que propone la atención al cultivo de relaciones como proceso efectivo de la acción artística. El proceso de trabajo, denominado “Feiticeira”, habitó y aprendió del medio ambiente, investigó dónde y cómo transcurre la vida de sus habitantes, además de compartir la inscripción del mundo de ese lugar, suma para hacer cuerpo, movimiento y escucha múltiple de la experiencia de ser residente y pescador en ese territorio. La construcción de la red se convirtió en una guía para el desarrollo de los procesos artísticos en ese territorio y compuso el objeto de la metodología de la actuación y la investigación. Una red de personas, imágenes y sonidos junto a la materialidad de la red de pesca.

Palabras clave

Red, colonia de pescadores, territorio, cuerpo, investigación-creación.

From the bottom of the sea, crawling on the land: the living entanglements of the “Witch”

Abstract

A network formed between artists and residents of the Z-10 Colony - Rio de Janeiro, the first fishing colony in Brazil, emerged during the artistic laboratory of the Sensitive Territories project, which proposes attention to the cultivation of relationships as an effective process of artistic action. The work-in-process, named “Witch”, inhabited and learned from the environment, investigated where and how the life of its residents is processed, as well as shared the inscription of the world of that place, a sum to make body, movement and multiple listening of the experience of being a resident and fisherman in that territory. The construction of the network became a guide for the development of artistic processes with that territory and composed the object of performance and research methodology. A network of people, images and sounds together with the materiality of the fishing net.

Keywords

Net, fishing colony, territory, body, research-creation.

Larga a rede pescador, bailando,
ela vai caçando na flor do mar,
o que vai passar?
O que vai subir?
Olha o peixe aí!
É prosperidade, sabedoria que é dividida,
compartilhada, repartida,
é pesca tramada, prepara a largada,
é hora do serão,
o sol já caiu,
estrelas no céu,
iluminam o mar,
trás pra nossa rede, de felicidade.
Cada nó é gente, é caló nas mãos.
Olha o sol chegando, vai puxando a rede,
recolhendo o pão, é a conexão,
é uma parceria,
dia após dia, chuva ou tempestade
é nossa verdade,
Puxada de rede na beira da praia,
ancestralidade, vem do coração.
Essa rede enorme que "cassia" longe,
no fundo do mar.
Se esconde aos olhos de quem foi buscar,
parecendo mágica, fazendo alegria no barco entrar....
Thiago Caiçara

Adentramos a Colônia Z-10 e logo fomos fisgadas pelo estado sensível dos acontecimentos extra-cotidianos. A maré estava baixa, o barro do mangue se mostrava, os caranguejos e garças que moram ali caminhavam pela superfície lodosa. As crianças corriam e gritavam gargalhando, enquanto adultos conversavam e bebiam no bar. Um grande círculo na área comum de lazer da Colônia, como um teatro de arena, reafirmava o sentido de circularidade, de estar “rodeado” pela amálgama de

uma comunidade. O ar muito quente, dava o ritmo e sincronicidade típicos do verão carioca. Fomos recebidas por Thiago Caiçara, Faquir, Pãozinho e os jovens que estariam conosco no Projeto Territórios Sensíveis. Cada um deles, apresentando-se, revelou uma trama significativa da vida existente ali. Também os que vinham de fora, os artistas, se apresentavam, para dar início à experiência. Não estávamos à procura de algo que traduzisse os efeitos estéticos de estar ali, mas de co-composição e coexistência com os eventos que estavam por vir: "Relações nascem do evento. Todas as ocasiões de experiência incorporam a relação como força de união" (MANNING, p. 142, 2018). A formação de vínculos que nos reunia também alimentava um estado de atenção para a processualidade da pesquisa-criação. Chegamos sem saber onde chegaríamos, mas construímos o comum e as dissonâncias a partir do processo de contato e criação com a rede de vida e acontecimentos da colônia.

Deste evento emergiu a "Feiticeira", uma proposta em parceria entre as artistas Marcela Cavallini, Sofia Mussolin e moradores da Colônia Z-10 da Ilha do Governador - RJ, iniciada com a convivência no laboratório artístico do projeto Territórios Sensíveis. A proposta de habitar e aprender com o meio, investigar onde e como se processa a vida de seus moradores nos lançou a duas maneiras de ação: na oficina Corpo-ambiente ministrada por Marcela, e das caminhadas com registro audiovisual realizadas por Sofia e Thiago Caiçara. A partir da relação entre corpo, movimento e escuta andarilha, a experiência de ser morador e pescador naquele território nos guiou na construção de uma rede, signo de subsistência da colônia. Uma rede de pessoas, imagens e sons junto à materialidade da rede de pesca.

Ativamos os corpos de diferentes maneiras: coletamos redes de pesca, trançamos garrafas de plástico achadas nos lixos na comunidade e corporificamos uma rede-signo da colônia; dançamos uma forma de pensar e agir que acontece pela atenção ao território e aos corpos que com ele se relacionam. Adentramos a Colônia Z-10 e mergulhamos em sua temporalidade e no espaço de relação onde acontecem os ruídos e as particularidades de uma maneira de existir, reconhecemos o desafio da integridade da experiência muito mais ligada à parcialização dessa realidade e da alteração dos laços com nossa entrada naquele território, a fim de não cairmos na falácia do generalismo e da neutralidade. Dessa forma, a rede tornou-se um método de fazer artístico, desdobrando-se da condição de objeto para participar de outros fluxos

de significação conceitual. Uma rede corporificada que atravessa territórios, temporalidades e profundidades diversas, que além de espaços de relação, anuncia a emergência de um tecido conectivo que, ao se movimentar, age colaborativamente numa amplitude mais horizontalizada com todos os agentes que participam de sua composição. Essa ação, muitas das vezes, desembocou em outras parcerias e experiências, permitindo-se a sensação de perda do controle prevista no seu nó inicial – até onde a rede alcançaria o limiar sensível quando a perdemos de vista ou quando não estamos visivelmente em contato com ela?

Enquanto forma de reconhecer a Z-10 e seus agentes humanos e não-humanos como inscrição de mundos, marcados pela memória da primeira colônia pesqueira do Brasil - que completou 100 anos em 2020 junto das atividades do Territórios Sensíveis –, a rede também nos diz sobre a luta pela sobrevivência da pesca artesanal na comunidade, rodeada de plataformas petrolíferas, vazamentos de petróleo que engolem o manguezal, inserção da igreja evangélica e das precárias políticas públicas. São encontros e encruzilhadas que nos colocam em intersecção com as estruturas polissêmicas que essa comunidade nos apresenta. Precisamos fazer escolhas quando esse mesmo território nos solicita uma criatividade implicada nas suas marcações históricas. Então, que encontros e encruzilhadas foram construindo essa rede?

Enunciado 1 - A Rede de Pesca torna-se Método

Cheia de nós de relações, entradas, saídas e sonhos particulares e coletivos, a rede se formava emaranhada às complexidades do território em questão. Tentamos caminhar juntos com a força do evento que nos unia, ao acompanhar e, ao mesmo tempo, sermos parte dessas ações, sem pretensão de induzir modificações em torno de uma realidade dada. Nesse sentido, pensar métodos que não se imponham ao meio, mas que emergem dele, produz também outro *socius* topológico. Passamos a nos implicar, ao invés de querer explicar ou representar as sensações que nos colocava em associação coletiva com os viventes da colônia Z-10. Nesse sentido, a possibilidade de, ao mesmo tempo, observar e se integrar a essas topologias sociais nos devolve uma revisão de sociedade que vem à tona a partir de uma constituição heterogênea de pertencimento.

Ao nos dispor com empatia nesse contexto, percebemos que jamais poderíamos abafar suas contradições, conflitos e jogos de poder que participavam de seus modos de existência. Essa é a posição prática que assumimos junto ao método performativo proposto como base para os projetos desenvolvidos em Territórios Sensíveis.

Surgiu o desejo de escuta que se tornou o olhar andarilho. Sofia caminhava com sua câmera, captava imagens e conversava com os pescadores. O território se apresentava a partir das narrativas dos homens da pesca e dos outros habitantes não-humanos, enquanto se costurava um tecido imagético de memórias e futuros possíveis. As intimidades amorosas e cruéis dos humanos e não-humanos desse contexto, em particular, direciona a atenção para as histórias de espécies companheiras suscitadas por Donna Haraway, quando falamos mais sobre a transversalidade dessas relações do que sobre as próprias relações. O modo de atenção dessas existências é o maior tipo de respeito, de uma devolução do olhar para uma realidade feita em camadas complexas, e exatamente por isso, a atividade artística deve lidar com as práticas de intimidade, fora da noção binária e imparcial de moldes pré-concebidos. A noção de mundo se constrói a partir das histórias e das relações que Sofia e sua câmera construíram, sempre capazes de se desfazer a partir de outro testemunho e do próximo olhar a ser trocado, do solo fermentado do mangue que contribuiu para a transformação diária da paisagem da colônia.

Ao mesmo tempo, Marcela desejava mover-se a partir da pulsação daquele “chão”, mas não queria se mover só. Precisava mover-se com outros corpos e, ainda, mover suas próprias impressões e fixações que, porventura, viesse a se cristalizar desse encontro. Sua proposta de oficina considerava o contato dos participantes com o meio que se presentificava em seus corpos. Imagens eram suscitadas nas práticas de criação para gerar novas formas de estar presente: caminhavam na direção de aliar o imaginário ao corpo. A vida própria que cada participante carrega se diferenciava – adensou-se a ecologia do campo sensório-perceptivo do grupo. Esse, simultaneamente, estava mediado pela vida na Colônia. A Colônia é um epicentro complexo de questões socioculturais, políticas e ambientais, e é um lugar de receptividade e produção de afetos não codificados.

As catalogações das narrativas dos pescadores e os agentes não-humanos que Sofia se predispôs a coletar, e o conglomerado de corpos na movimentação proposta por

Marcela, formaram uma tecitura com a colônia Z-10. As ações, artistas, moradores e não-humanos se entrelaçaram no laboratório realizado por Territórios Sensíveis e ressoou no conceito de ator-rede do filósofo Bruno Latour a partir do campo social, artístico e ambiental. O ator citado em sua teoria não é limitado ao agente humano, mas sim a tudo aquilo que age na relação entre diversos personagens, traduz um papel de força e da capacidade de acionamento – o elo entre os entes e uma pragmática da ação – que está também, ao mesmo tempo, na mediação desses enredamentos sociais. Dessa forma, o ator, no conceito de Latour, não é apenas a entidade que agiu, mas também a entidade que mantêm e a própria rede que mobilizou. Também o ser humano não é apenas social ou natural, mas os dois. Os processos que culminaram na performance Feiticeira nos convidam a pensar transversalmente diante desses sistemas amorfos, e questionar a formatação da realidade do microcosmos da colônia Z-10 a partir dos corpos que habitam esse território, e quais as possibilidades de ações quando distribuimos a responsabilidade da direção, posicionamento e intenção do caminhar dessas agências. A Feiticeira é, também, um convite a agir.

E a ação da Feiticeira estava atrelada ao modo de operar do laboratório, ao dar atenção a escala micro dos acontecimentos e nos relacionarmos com a materialidade das paisagens. Percebemos, deste modo, uma natureza-sociedade além do design humano, e somos capazes de observar e acionar novas maneiras de pensar sobre política e cultura, porque admitimos a contaminação dos mundos e com ele a capacidade de narrar e agir como agentes contaminados que somos, reverberando a pesquisa da antropóloga americana Anna Tsing. Pensar as relações e as redes que se formam das ruínas do Antropoceno perpassam a atividade do ator-rede quando percebemos que os processos de associações criam assimetrias, já que os atores não agem todos da mesma maneira, mas também não são indivíduos isolados – estamos todos associados, todo ator age em rede e produz redes, levando a agir outros atores. Com nossas práticas, percebemos que as associações se dão pelas diversas perturbações e remexidas do território-corpo, ou seja, as capturas de imagem e as danças foram atividades por si só contaminantes, criadoras de associações e rastejantes por habitar as ruínas de uma sociedade que não nos cabe mais. Cria movimento, performa e configura a pesquisa através da prática.

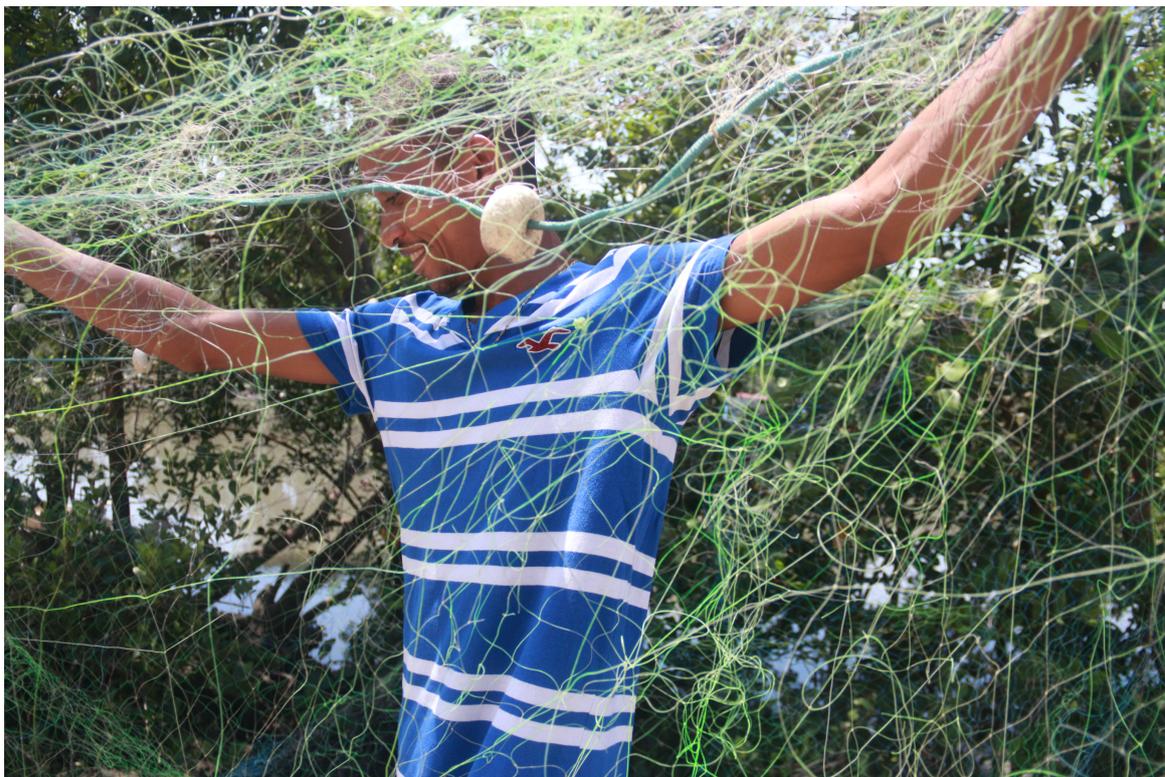


Fig. 1 - Montando a rede. Foto: Marcela Cavallini

Enunciado 2 - A descrição do relevo dá a ver as ações e os atores

À medida que o laboratório corporal e o registro audiovisual se estendiam como uma feitura da metodologia em rede, decidimos unir as atividades na proposição de performar uma rede de pesca que, especificamente, é chamada de Feiticeira – um enredamento de três redes de pesca com diferentes nós, sendo sua principal característica a habilidade de enredar tudo – como seria a proposição da ação final do processo. A proposta consistia em andarilhar a colônia Z-10 embrulhados por essa rede de pesca, carregando-a acima de nossas cabeças, emitir palavras de alerta ao mangue, atravessar, incorporar o território e suas histórias e sermos, nós mesmos, tudo isso. Para preparar a performance e a rede de pesca, o objeto da performance, lavamos e estendemos ela pela rua, a fim de organizar sua extensão e facilitar a entrada de nossos corpos por suas tramas. Também reunimos as crianças que estavam nas oficinas de dança para coleta de garrafas pet pela colônia. Pintamos a rede e as garrafas

de plástico e as agregamos ao corpo da rede a ser performada, todos esses passos em ação coletiva. Ao final, protagonizamos uma dança-viva que cruzou as ruas carregando e soltando palavras para o mangue, com a sensação de mil pernas de uma serpente mítica saída das águas. Iniciamos a ação cruzando o Rio Jequiá em um barco, atividade que muitas das crianças, moradoras da Z-10 e que estavam performando a Feiticeira nunca haviam feito, mesmo sendo atividade tão comum a seus parentes e a toda comunidade.

A direção era encaminhada pela cabeça da feiticeira, liderança que era questionada à medida que andávamos, já que não sabíamos de antemão qual seria o percurso. Assim que a Feiticeira tomou a direção através de Thiago Caiçara, notamos outra organização, outra fruição e escoamento, em que deslizava com mais facilidade e menos debate de pernas: ela conhecia as ruas. As pessoas e seu entorno eram também parte dela, relação entre parte e todo. As diferenciações de altura dos corpos que estavam abaixo da rede, o tamanho de suas pernas, a distância de corpo a corpo e o ritmo da pisada de cada um deu a performance o que a teoria de Latour chamaria de relevo. Em seu conceito, o processo de assimilação das ações e dos atores conforme a ação acontece cria assimetrias, já que, como falamos acima, os atores não agem todos da mesma maneira e, adicionamos, nunca são da mesma maneira. Estamos associados e não somos indivíduos, nenhum ator age por si só, mas sempre se enreda conforme caminha. Por isso o relevo aparece conforme as ações são descritas e os atores, e nunca dado em antecipação.

Durante o mapeamento performativo, método que marca o modo processual de ação realizadas em Territórios Sensíveis, podemos perceber durante as caminhadas na Colônia Z-10 e nas práticas meditativas propostas aos artistas e pescadores pela artista Walmeri Ribeiro, que há um estado de recepção para chegarmos e ancorarmos esses processos de assimilação dos atores e seus relevos, assim como produz no corpo a alteração do olhar e do sentir da paisagem que ressoa da descrição dada por Tsing. O mapeamento é uma agência que permite o contato e a troca com o território, e nos fez parte dos emaranhamentos entre Natureza e Sociedade naquela localidade específica, enquanto um ponto na rede – que se entrelaça a muitos outros e potencializa a construção de outros atores e agências. Tal proposta coaduna com o que a artista-pesquisadora Annete Arlander considera como crucial no cultivo das

percepções para uma atitude receptiva à natureza e ao meio ambiente. Executar a paisagem deixando-se ser movido por ela e tocar a corporalidade do desempenho específico do local, reflete a noção de paisagem e de quietude como ação, ainda ato, a partir dos pensamentos sobre uma ontologia da dança. Arlander tece diversas questões relevantes para o desenvolvimento de um método em pesquisa artística, mas deixa evidente que a maior diferença na pesquisa é a que acontece a partir do artista, em que o conhecimento não se basta quando a compreensão do que se estava buscando acontece, mas quando novas perspectivas se criam e surgem transformações que nos colocam para dançar junto ao efeito daquela pesquisa, o que chama de Performance como Pesquisa.

A pesquisa-criação realizada pela plataforma Territórios Sensíveis se faz ao conseguir também interferir na realidade do outro, demanda essa que se alia ao conceito da ciência para além do objeto prático, na resignificação dos laços, das palavras escritas e das imagens mostradas através do inter-afeto. Ou seja, pensar e agir como ator-rede estaria intrínseco ao “ser-artista” ou a uma pesquisa em artes, já que o processo é já a obra, o que interfere é também agente, e o que contamina é também contaminado. O processo/prática é o foco principal porque é como acontece o desdobramento do contexto e do ator, como se teoriza ou conceitualiza a partir da ação, mas sempre mantendo o status de alterabilidade por lidar exatamente com a operação múltipla e inconstante das agências.

Enunciado 3 - A rede é um deslocamento entre tempo e espaço

A Feiticeira pode ser considerada uma serpente, pode ser uma rede, pode ser uma presa, um grito no meio das ruas que cortam a colônia Z-10. Ela é tudo isso, com muitas pernas. Cruzou o mangue em um barco, saiu da escuridão e se colocou a ordenar quem ia a frente quem ia atrás. A fila indiana se tornou dupla, que se tornou espiral, que não tinha mais ordem. Éramos fisgados pela rede que carregamos acima dos braços, ela agora puxava nossos pés, nossos óculos, e cada brinco que se incumbia de tentar um contato. Não éramos mais pessoas carregando uma rede, nos tornamos ela. Enquanto brandia-se: “Salve o Mangue!” tropeçávamos uns nos outros e não conseguíamos ter exata visão do que acontecia fora da nova pele que habitávamos.

Durante o mapeamento performativo que consistia no reconhecimento do território através de uma escuta ativa durante o ato de caminhar, nos deparamos com muitos atores que habitam a Colônia, e a rede de pesca foi um ponto focal da nossa atenção. Encontramos uma delas largada, jogada no chão, como uma materialidade que clamava atenção em nome do próprio ambiente. Enquanto isso, Seu Geraldo, pescador mais antigo da colônia, performava sua artesanaria de pescador: trançava uma delas em frente ao mangue. Conversamos com ele sobre o modo como atua a agência pescador-rede, a habilidade de fazer seus nós, esticá-las e refazê-las após quase toda pescaria. Ele nos contou que tipo de trançado era o daquela rede de pesca que estava amontoada em um canto; sua particularidade produzia o arrasto em profundidade, podendo capturar peixes nobres como o robalo. O nome dessa rede era Feiticeira. Nos enredamos com Seu Geraldo naquele momento, tendo certo que o nome da ação tinha sido batizado ao sermos tocados por esse dado sensível. Logo, sua presença evoca o modo de sobrevivência da Colônia, e as técnicas que presentificam a existência daqueles viventes. Desde essa percepção, a rede transformou-se de objeto a uma forma de indagação crítica de como deslocávamos a presença de estar ali. Pensar enquanto rede é perder o controle da sua amplitude. Cada indivíduo aciona suas redes, sendo ele mesmo um nó dessa trama. Concomitantemente fazendo-nos redes entrelaçamo-nos como além-humanos. Ultrapassamos uma condição específica de falantes universais para escutarmos aquele território, as árvores do mangue, os peixes, a terra, a água, os microorganismos.

Percebemos que, em um contexto macropolítico, as teias de relações são muito mais profundas e extensas do que podemos acessar em poucos dias ou semanas de contato com esse ecossistema, assim como a própria Feiticeira só consegue capturar partes ou segmentos da vida do mar, nós também, por essa perspectiva, ficamos limitadas a vivência parcial. Mas isso não resulta em perda ou impossibilidade de agir, pelo contrário, através dessa colheita e convivência em limitadas temporalidades, a movimentação da rede por um agente externo é capaz de resultar em grandes alterações no comportamento usual do grupo/território, que então pode revolver sua terra, alterar o percurso de suas raízes e o caminho de seus nós em cruzamento. Ou apenas re-conhecer as agências que existem e se formam em seu território. A isso se deve a mobilidade da rede, sua resposta não se encerra numa simples ação.

Acompanhamos alguns dos desdobramentos dos trabalhos em rede de Território Sensíveis, mas de fato, toda dimensão e extensão de uma rede nos escapa.

Salientamos que a rede de pesca, utilizada enquanto objeto de performance, transpassa o local, à medida que deslocada de seu modo habitual de uso transformou-se em outros signos ao longo da performance coletiva e, depois, quando se tornou um espaço instalativo na Galeria Z-42. A rede realiza a passagem entre o local e o social, o individual e o coletivo, sem que se configure numa forma acabada. A sua própria flexibilidade e continuidade de fluência confere a percepção que essa ação não se finaliza nela mesma. A rede enquanto objeto, testemunha uma técnica que se precariza com o tempo de exploração da Baía de Guanabara. Não se consegue pescar com tamanha facilidade e fartura com redes de pesca, os peixes estão escassos. Ela torna-se memória viva, que fala por si só e conduz as provocações de um mundo em ruínas. Dessa forma, a rede de pesca transformada em objeto da performance, signo da colônia Z-10 e conceituada enquanto forma de pensar e agir é capaz de expandir as noções de tempo e espaço e deslocá-los conforme a prática na qual é inserida.

Desdobramentos: articulações vivas

Após essa imersão no território da Z-10, a nossa prática artística individual sofreu alterações e contaminações capazes de reconfigurar a perspectiva viva do fazer artístico, e como traz o filósofo e escritor Dénètem Touam Bona, é uma cosmopoética capaz de apontar para outra relação com o mundo ao abrir a escuta para os outros mundos. A arte é vivida como conexão direta com a terra e do sim para a vida, que nos legitima como participantes do coro para o que é intolerável e das práticas furtivas como caminhos aos sistemas capitalistas e imperialistas do *fast food*, *fast thinking*, da colonização e ecocídio.

Essa via de resistência e do modo menor, também se alia ao pensamento da rede e do ator de Latour, assim como ao questionamento do mesmo autor em querer saber quais são os rastros humanos que geram o Antropoceno. Onde está o nosso corpo nesse contexto? Como imaginar o Antropoceno e, através disso, mastigar esse termo? Para nós, esse corpo está segurando a rede, fazendo os nós e desfazendo-os, criando perturbações lentas para nutrir colaborações interespecíficas.

De maneira muito íntima com as ações decorridas no laboratório do Territórios Sensíveis é possível pensarmos a escala humana e a possibilidade de sermos e questionarmos a rede e seus atores em associação com as resistências furtivas da vida nesta Era atual. Utilizar as práticas artísticas enquanto formas de materializar a re-imaginação do mundo – que não levam a perspectiva segmentada que propõe o sistema capitalista, mas pelo contrário, são narrativas tramadas no processo de corpo presente e imbricado, como os nós de uma rede de pesca, que só acontecem porque tem mãos que as tecem. Essas associações se dão com o tempo dos corpos, preparam o terreno de ação e deixam o processo se delongar conforme a composição dos atores e das agências se conectando, capazes de harmonizar as cosmovisões e acionar uma cosmopolítica. Produzem acontecimentos que se debruçam nas camadas e colocam o cosmos como interventor, não como subjugado, investindo em outras formas de existência e modos de vida para a materialidade terrena e para as experiências que advém de tal contato. Tais comunhões multiespecíficas são a poética do trabalho artístico desenvolvido na Colônia Z-10.

Não nos limitamos à realização de uma obra, tampouco a um modelo de criação. Preferimos acompanhar, até onde é possível, suas coreografias conectivas: da perspectiva do movimento e da ação, uma articulação viva de pessoas, água, animais e outros seres. Assim, esse trabalho envolve uma prática colaborativa que se estende em comunicação com instâncias invisíveis e visíveis, facilitando a criação de redes como formas de energizar e desautomatizar as cadeias coexistensivas com o meio.

Trabalhar com aquilo que emerge do corpo-território foi ensinamento intensivo durante os laboratórios de Territórios Sensíveis, que perduram e se transformam até hoje em redes, capazes de criar relações entre a Pesquisa Performativa com os conceitos de ator-rede de Latour, Performance como Pesquisa de Arlander e Paisagens Perturbadas de Anna Tsing porque é uma metodologia espiralar, que cria sincronias interdisciplinares e multifocais, uma maneira necessária para investigarmos e vivermos os fenômenos de um mundo eternamente em transformação. Estamos em um tempo no qual precisamos complexificar as negociações e desacelerar o pensamento, sermos agentes de intervenções para que mais seres sejam consultados a impulsionar a criação de outras agências. Dificultar a resposta imediata e criar

espaço para uma sensibilidade diferente foram e são as tentativas que se implicaram na Feiticeira em conjunto com o projeto.



Fig. 2 – Performance: saindo do mangue. Foto: Alessandro Paiva



Fig. 3 – Performance. Foto: Alessandro Paiva

Referências

ARLANDER, Annette. *Performing Landscape*. Acta Scenic 28. Theatre Academy Helsinki, 2012.

BONA, Denetem Touam. *Cosmopoéticas do Refúgio*. Tradução: Milena P. Duchiate. 96 páginas, 2020.

HARAWAY, Donna. *O Manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Tradução: Pê Moreira; revisão técnica e pós-fácio Fernando Silva e Silva. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HASEMAN, Brad. *A Manifesto for Performative Research*. Media International Australia incorporating Culture and Policy, theme issue “practice-led Research” (n. 118): 98-106, 2006.

INÁCIO, Polyana; SALGADO, Tiago. Curso *Teoria Ator-Rede: Tecer Mediações, recombinar o social* (online). Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades - APPH. Porto Alegre, 2022. Youtube.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social*. Salvador, Bauru: Edufba, Edusc; 2012.

MANNING, Erin. *O que as coisas fazem quando se moldam: o caminho do anarquivo*. Artes: Novos Modos de Habitar e Viver. Organização de Walmeri Ribeiro e Héctor Briones. – São Paulo: Intermeios, p. 174, 2019.

STENGERS, Isabelle. *A proposição cosmopolítica*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 442-464, 2018.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: Ed. Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos, IEB Mil Folhas, 2019.